

## O ARQUIVO DO ALTO MINHO

Em 1944, o Pe. Dr. Luciano Afonso dos Santos, José Rosa de Araújo e Leandro Quintas Neves fundavam a *Empresa do “Arquivo do Alto Minho”* com a finalidade de publicar uma revista com o mesmo nome, propondo-se editar, também, outras publicações sobre “genealogia, heráldica, arte, etnografia e arqueologia e até reimprimir obras esgotadas e consideradas basilares para os estudos sobre Viana” destinadas exclusivamente a assinantes ( Cfr. contracapa posterior do vol. II, fasc.IV).

Assim, o primeiro fascículo, do 1º volume do “Arquivo do Alto Minho”, composto e impresso na *Tipografia Gutenberg*, de Viana do Castelo, surgia em 1945, com o complemento de título de “colectânea de estudos regionais”, realçando-se, deste modo, o carácter regionalista da publicação quanto aos temas abordados, evidenciado também no lema “Sempre pela nossa Terra” que desde sempre viria a exibir numa das páginas preliminares. Seria o início de um percurso que, apesar de ligeiros interregnos motivados sobretudo por questões de ordem financeira, terminaria em 1984, depois de publicadas três séries, num total de vinte e nove volumes, de grande valor cultural e bibliográfico.

Os primeiros quatro volumes do “Arquivo” são distribuídos aos seus assinantes até 1952, e, após uma suspensão na sua publicação, por convite dos seus fundadores passa também a integrar a direcção da revista, a partir do quinto volume surgido em 1955, o Coronel Alberto de Sousa Machado. A primeira série concluir-se-ia em 1960, com a saída do décimo volume, após a publicação regular de um volume por ano.

Depois de mais uma pausa, em 1962 é dado à estampa o primeiro volume da segunda série (11º volume publicado), assinalando-se deste modo o arranque para uma nova fase, pois, segundo o Coronel A. de Sousa Machado, a direcção do “Arquivo” decidiu “dar princípio com a publicação deste volume a uma nova série, o que permitirá aos assinantes que desejem conservar os volumes do ARQUIVO e iniciar essa colecção agora de novo, pois que é impossível já obter os primeiros números publicados da primeira série” ( Cfr. *No limiar de um novo período*. Série 2, vol. 1, 1962, p.6). Esta segunda série, publicada de uma forma mais ou menos regular, terminaria em 1973 com a edição do décimo volume, correspondendo ao 20º da sua totalidade. Assinale-se, que o tomo II do volume do ano de 1972 (9º da segunda série) é de homenagem a Leandro Quintas Neves, um dos fundadores e considerado a “alma” desta publicação, falecido a 12 de Fevereiro desse mesmo ano. Em sua substituição, sucede-lhe o filho Jaime Quintas Neves, como editor e administrador do “Arquivo”.

Em 1975, aparece o primeiro volume da terceira série (ou 21º volume da sua totalidade, como também desde o quinto da segunda série vem sendo numerada). Mas, em texto inserto na contracapa posterior do tomo I deste volume, somos confrontados com a situação de dificuldade financeira por que passa a revista. Aí, pode ler-se “que o ARQUIVO DO ALTO MINHO – exactamente como as demais publicações culturais portuguesas nesta hora que passa – atravessa uma grave crise. Crise que pode afectar a sua existência”. E, estas dificuldades, começam logo a verificar-se com os sucessivos atrasos na sua publicação. Refira-se que o 23º volume (3º da 3ª série) correspondente ao ano de 1978, foi impresso a 22 de Fevereiro de 1980, e, atrasos idênticos sofreram os volumes 24º de 1979 (impresso a 3 de Outubro de 1980), 25º de 1980 (impresso a 17 de Fevereiro de 1982), 26º de 1981 (impresso em 1983), 27º de 1982 (impresso a 20 de Novembro de 1984), 28º de 1983 (impresso a 20 de Setembro de 1987) e 29º de 1984 (impresso em Março de 1990).

Apesar do subsídio e do patrocínio de algumas entidades, as dificuldades financeiras, a morte do Coronel Alberto de Sousa Machado, em 15 de Outubro de 1981, “que ao longo de 26 anos, mais precisamente desde o V volume, foi dedicado e tão prestante co-director”( Cfr. Vol. 25, 5º da 3ª série, 1980, p.5) e o abandono de José Rosa de Araújo, a 15 de Abril de 1989, que aqui publicou parte significativa dos seus trabalhos, por discordar da alteração introduzida sem o seu conhecimento na direcção do penúltimo volume publicado do “Arquivo”, em resultado do apoio concedido à sua edição por parte do Centro de Estudos Regionais, vão ditar o fim desta publicação que marcou presença na vida cultural vianense durante quatro décadas.

No entanto, ao longo de toda a edição e apesar das suas três séries, o “Arquivo do Alto Minho” manteve sempre o mesmo formato (24x17cm) e uma certa uniformidade no aparato gráfico, alterando-se unicamente a encadernação a partir do volume 26, de 1981, (6º da 2ª série) para brochada por permitir “um manuseamento muito mais prático do que o sistema anterior, que se apresentava com cadernos soltos e capas frágeis”. O mesmo não aconteceu quanto ao sistema de numeração utilizado. A primeira série está identificada por volumes que por sua vez se dividem em fascículos até ao quarto volume e, a partir deste, em tomos, sendo o quarto constituído por 4 tomos e os restantes por 2; na segunda série, a cada volume corresponde 2 tomos, à excepção do terceiro e sétimo volumes que se identificam por tomos únicos; na terceira série, todos os volumes publicados são constituídos por um único tomo, excepto o primeiro que abrange 2 tomos.

A composição e impressão do “Arquivo do Alto Minho”, entre 1945 e 1984, realizou-se em diferentes tipografias de Viana do Castelo, Braga e Barcelos, sobretudo devido “à conveniência dos orientadores”. Assim, dos prelos da *Tipografia Gutenberg*, de Viana do Castelo, saiu o volume 1; na *Escola Tipográfica da Oficina de S. José*, de Braga, foram compostos e impressos os fascículos respeitantes aos volumes 2 e 3, e os tomos 1 e 2 do volume 4; nas *Oficinas Gráficas da Pax*, de Braga, os tomos 3 e 4 do volume 4; nas *Oficinas da Viúva de José de Sousa e Filhos*, de Viana do Castelo, os volumes 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15 e 16; na *Tipografia Casa dos Rapazes*, também de Viana do Castelo, os volumes 11 e 13; na *Companhia Editora do Minho*, de Barcelos, os volumes 17, 28 e 29; e na *Tipografia Editorial Franciscana*, de Braga, os volumes 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 27.

Como já referimos a edição do “Arquivo do Alto Minho” estava reservada unicamente a assinantes. O custo da assinatura variou ao longo dos tempos entre 20\$00 o 1º volume, de 1945, e 1.000\$00 o 29º volume, de 1984, pois, apesar “de ser gratuita toda a colaboração e mais serviços do ARQUIVO”, o custo dos trabalhos tipográficos foi aumentando. As dificuldades financeiras revelaram-se uma constante, até porque, como refere o Cor. A. de Sousa Machado “os assuntos publicados nas páginas do ARQUIVO são de natureza a interessar apenas a um limitado escol de homens cultos. Por isso mesmo o número de assinantes é muito limitado (...) de tão pequeno que é, não permitiria garantir a publicação da Revista se não viessem em nosso auxílio outras entidades” ( Cfr. *No limiar de um novo período*. Série 2, vol. 1, 1962, p.6). Foi o caso dos patrocínios e subsídios concedidos pelo Governo Civil de Viana do Castelo (aos vol. 4, 5, 22, 23 e 27), Câmara Municipal de Viana do Castelo (aos vol. 4, 5, 6, 7, 8, 9 – tomo I, 10, 11, 12 – tomo I, 14, 15, 16, 18, 19, 20 e 21), Junta da Província do Minho (ao vol. 9), Câmara Municipal de Ponte de Lima (ao vol. 9 – tomo II), Junta Distrital de Viana do Castelo (aos vol. 11, 12 – tomo II, 13, 14, 15, 16, 19 – tomo II, 20 e 21), Câmara Municipal de Monção (ao vol. 17), Secretaria de Estado da Cultura (aos vol. 22, 23, 25 e 26) e Centro de Estudos Regionais (aos vol. 28 e 29).

A importância cultural desta revista é hoje reconhecida por todos quantos se dedicam ao estudo dos mais diversos aspectos da região. Mas, já em 1962, quando se iniciava a publicação da segunda série, o Cor. A. de Sousa Machado afirmava que “não pertence aos seus autores dizer do merecimento dessa obra, única publicação cultural do nosso distrito; mas não é sem legítimo orgulho que registamos afirmações que põem em evidencia o seu alto valor como repositório de documentos e estudos para a história da nossa região, a ponto de se ter afirmado já não ser possível fazer a história sem a consulta dos seus volumes” ( Cfr. *No limiar de um novo período*. Série 2, vol. 1, 1962, p.5). Aqui, de facto, encontramos trabalhos de mais de uma centena de colaboradores que versam uma multiplicidade de assuntos, salientando-se a arqueologia, a arte, a genealogia, a heráldica, a história, a etnografia, a etnologia, a antropologia, a linguística e a biografia, entre outros. E, a sua importância projecta-se para além fronteiras. O Director do Institut d’Études Portugaises et Brésiliennes da Faculdade de Letras da Universidade de Paris, Dr. L. Bourdon, em carta de 13 de Janeiro de 1958, chega a afirmar que “à l’occasion de l’Exposition de publications périodiques portugaises organisée pendant de récent Colloque Internationale d’Études luso-brésiliennes de Lisbonne, mon attention a été une fois de plus attirée par l’importance exceptionnelle que présente la revue Arquivo do Alto Minho publiée par vos soins éclairés. Cette publication contient des articles d’un intérêt capital pour l’enseignement da la culture portugaise dispensé en notre Institut et pour les recherches qui y son effectuées” ( Cfr. Contracapa posterior do vol. 7, tomo II ).

A totalidade da colecção do “Arquivo do Alto Minho” constitui, na actualidade, uma publicação muito rara e de grande valia para a região, sobretudo, pela qualidade dos trabalhos incluídos nas mais de seis mil páginas publicadas. Por isso, conscientes da sua utilidade, decidimos disponibilizar os sumários de todos os volumes editados, de forma a facilitar um primeiro contacto com esta obra.

Rui A. Faria Viana  
*Director da Biblioteca Municipal*